

HAMLET EM PANTOMIMA: AS DIFICULDADES EM ADAPTAR E DIRIGIR

KIMBERLLY ISQUIERDO BONGALHARDO¹;

ALINE CASTAMAN².

¹Universidade Federal de Pelotas – kimberllybonis@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – acastaman@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho discorre sobre a experiência de adaptar e dirigir a narrativa de Hamlet para uma apresentação em forma de pantomima com duração máxima de 20 minutos. A disciplina em que o trabalho foi proposto é “Histórias do Teatro II¹”, ministrada pela professora Aline Castaman. É uma disciplina obrigatória do curso de Teatro Licenciatura na Universidade Federal de Pelotas, na qual um dos assuntos abordados é o estudo do Teatro Inglês do período do Renascimento, século XIV, às vanguardas europeias do início do século XX.

A apresentação em pantomima se trata de uma apresentação com ausência de falas por parte dos atores. De acordo com Cunha, “Este teatro gestual, que é a pantomima, não faz uso da palavra e tudo se focaliza no uso de gestos, através da mímica.” (CUNHA, 2017). A autora também complementa que a pantomima é a arte de narrar com o corpo e, para o melhor desenvolvimento do presente trabalho, foi escolhido um narrador para contar a história enquanto os artistas realizavam as ações.

A professora Castaman lançou este exercício para a turma para impulsionar que os estudantes lessem as obras dramáticas básicas da disciplina de Histórias do Teatro II, sendo esse o objetivo principal do trabalho. Dessa forma, os alunos teriam que compreender a obra para poder transpô-la em uma apresentação. Ademais, o trabalho propiciou a experimentação prática da pantomima, possibilitando conhecer a modalidade cênica que até o momento os alunos não haviam tido contato prévio. Inicialmente, havia treze alunos na turma, mas nem todos estiveram presentes em todos ensaios e/ou em todas etapas.

Este relato propõe abordar o desenvolvimento deste processo de composição de adaptação do texto original da peça para um roteiro de ações, a construção das personagens e de seus respectivos figurinos, a distribuição dos papéis para os estudantes/atores, a montagem com os estudantes/atores alinhado com o trabalho do narrador e, por fim, o momento da apresentação final. O processo envolveu ensaios, discussões, embates e muito aprendizado. Logo, foi possível perceber que esta brincadeira séria ampliou o conhecimento compartilhado entre os estudantes através da experiência de montagem.

2. ATIVIDADES REALIZADAS

Na disciplina, foram propostas três peças curtas para serem apresentadas em pantomima, mas o presente trabalho tem foco em apenas uma das peças,

¹ No plano de ensino da disciplina de Histórias do Teatro II consta o estudo acerca do Teatro Inglês no período elisabetano e jacobino, o teatro clássico francês e o teatro burguês europeu. Também estão inclusos na ementa o estudo dos gêneros romantismo e realismo, o estudo sobre o diretor teatral e as vanguardas europeias.

sendo ela Hamlet de William Shakespeare². Inicialmente, a diretora (autora deste trabalho) sugeriu um cronograma de trabalho para as peças, no qual haveria um ensaio dedicado a cada uma das peças e um ensaio geral para a passagem de todas elas. Porém, no dia do ensaio com foco no desenvolvimento de Hamlet, surgiu um evento para os alunos comparecerem, então o ensaio foi encurtado e houve a necessidade de dispor de um encontro extra. Logo, o primeiro ensaio começou às 13h00 e contou com cerca de 1h15 de duração. Já o segundo ensaio teve início às 13h30 e contou com aproximadamente 2h40 de duração. No ensaio final, as três peças ocuparam o período de uma tarde, tendo início às 13h30 e terminando às 16h40.

Sobre o estudo e a adaptação do texto original, a primeira atividade foi ler a peça teatral original sem qualquer estudo prévio sobre a peça. Posteriormente, houve uma pesquisa sobre a história do Teatro Inglês para entender como funcionavam os ensaios das peças de Shakespeare no período em que ele viveu, assim como estudar acerca da sociedade e os seus costumes na época. No período do Teatro Elisabetano, ainda não existia o chamado diretor³, mas existia uma figura responsável por diversas tarefas necessárias para montar a peça e esse profissional era nomeado como “plotter”. O *plotter* muitas vezes era a pessoa que protegia o texto completo da peça e quem guardava a assinatura do censor autorizando o espetáculo, como também podia ser o ponto que possuía todas as falas de todas as personagens e as suas respectivas deixas. Também era uma de suas funções distribuir os papéis aos atores, agendar os encontros coletivos e organizar os objetos necessários para a apresentação. Com base no artigo “O que se sabe sobre a preparação do ator profissional Elisabetano e Jacobino para cada espetáculo?” de Aline Castaman e Suzi Frankl Sperber, pode-se compreender melhor essa função:

“O *plotter* mantinha esses livros de preparação da peça sob sua responsabilidade e poderia responder a qualquer dúvida a respeito da narrativa, bem como transcrever as falas de cada uma das personagens para serem entregues aos atores, manuscrito outro conhecido como *part* (parte) [...]”. (CASTAMAN; SPERBER, 2014)

Devido ao fato de a aluna que assumiu o papel de diretora da pantomima nunca ter tido experiência em dirigir, houve a necessidade de descobrir por onde começar o trabalho. Com base nos estudos acerca do artigo que acabou de ser citado, o caminho escolhido para dar início ao projeto foi se inspirar nas tarefas de um *plotter* para coordenar os diversos elementos que envolvem a adaptação e a montagem de uma peça. Sendo assim, selecionou quais cenas e personagens manteria no enredo, escreveu a adaptação e encaminhou aos colegas para que pudessem ler antes do ensaio, distribuiu os papéis, separou os figurinos e fez uma lista dos objetos que cada personagem necessitaria.

² William Shakespeare (1564-1616) foi um importante ator, dramaturgo e poeta inglês, nascido em Stratford-upon-Avon na Inglaterra durante a Era Elisabetana. Autor de obras famosas como “Hamlet” e “Romeu e Julieta”, sua arte reverbera até os dias atuais, tendo muitas de suas obras frequentemente revisitadas.

³ De acordo com Jean-Jacques Roubine no seu livro intitulado como “A Linguagem da Encenação Teatral”, a ideia de um diretor teatral ou encenador surge a partir da necessidade de uma maior organização e coesão dos diferentes elementos que estavam começando a ter mais destaque no teatro, como por exemplo a interpretação, a cenografia e a luz cênica.

Para fazer a escolha de quais figuras permaneceriam na adaptação, foi essencial analisar as personagens que participavam ativamente do enredo principal da história. Vale ressaltar que as personagens não foram distribuídas de maneira aleatória, mas escolhidas a dedo para cada ator e atriz de acordo com as suas características tanto artísticas quanto físicas e isso facilitou para a escolha do figurino, tornando possível idealizar o tamanho adequado de cada ator na hora de escolher as roupas sem que o elenco estivesse presente. Essa organização prévia ajudou a otimizar tempo para o dia do ensaio, já que haveriam poucas horas dedicadas à montagem com os colegas.

Com base no estudo do artigo da Dra. Marlene Soares dos Santos, intitulado como "Shakespeare, o leitor", foi possível compreender melhor certos detalhes da peça e visualizar possíveis enriquecimentos para as ações dos atores, como o fato de Hamlet estar em quase todas as cenas com um livro em suas mãos, o que é destacado quando ela diz: "Dom Quixote ficou louco de tanto ler enquanto Hamlet se passa por louco fingendo ler." (SANTOS, 2016).

Em um primeiro momento do ensaio, as rubricas foram lidas para os alunos tirarem suas dúvidas e compreenderem a ordem de ações que viriam a seguir. Já no momento seguinte, os atores/estudantes foram convidados a criarem suas ações ao mesmo tempo em que as rubricas e o texto do narrador iam sendo lidos. Algumas interferências por parte da diretora aconteciam eventualmente até que todos estivessem com suas ações desenvolvidas. Quando as ações já estavam bem marcadas, era hora de repassar a cena (ou o conjunto de cenas) apenas com a interpretação da narradora e sem a necessidade de ler as rubricas como apoio.

Sobre o espaço disponível para os ensaios, os encontros eram sempre nas quintas-feiras em uma sala teórica, pois não havia a disponibilidade de salas práticas para os ensaios no horário que poderíamos reunir o grupo. Dentre as dificuldades de ensaiar em uma sala não prática pode-se listar diversos fatores, especialmente o fato de a sala ser pequena e composta por classes que são acopladas com as mesas. Alguns atores treinavam suas cenas no chão quando necessário apesar das dificuldades, mas era perceptível o desconforto devido à falta de espaço para caírem sem grandes preocupações e, também, não havia a possibilidade de certas ações, como correr pelo palco. Porém, apesar dos limites que o espaço impunha, foi possível treinar as marcações e visualizar por qual coxia os atores deveriam entrar e sair visando facilitar as cenas subsequentes.

Sobre a direção e a participação dos atores, um fator dificultoso que foi notado durante a montagem foi trabalhar com atores que ainda não haviam lido o texto original e nem a adaptação. Então, havia a necessidade de conversar com todo o elenco e explicar a sequência dos acontecimentos, as motivações de cada personagem, seus ideais e o caminho que trilhariam na história, assim como seu desfecho final. Em contrapartida, os atores que já haviam estudado sua personagem previamente e estavam cientes da história de Hamlet facilitaram muito a direção e contribuíram muito para o aprimoramento da estética da peça, sugerindo ações que enriqueceram as personagens. Assim como ajudaram os colegas de cena com deixas cada vez mais claras e precisas, com um maior polimento de seus movimentos e expressões logo no início da montagem.

Ademais, existem pontos externos ao trabalho artístico dos atores, mas ligados à disciplina e responsabilidade de uma atriz/ator, que igualmente atrapalharam o desenvolvimento da montagem. Como, por exemplo, o respeito ao horário estipulado para que todos pudessem iniciar as atividades no mesmo momento e do mesmo ponto de partida; atores que não puderam comparecer e

avisaram muito em cima da hora ou que não comunicaram sua falta prejudicaram muito o andamento do processo, resultando na necessidade de dar um trabalho extra aos atores presentes, como realizar marcações que não são suas para que os demais pudessem ensaiar e interagir com uma personagem cujo o ator não estava presente.

No fim, o trabalho foi apresentado somente para a professora e quase toda a apresentação saiu como o idealizado pela diretora. Apenas uma atriz foi retirada da adaptação de Hamlet devido a sua ausência nas atividades e alguns poucos erros compuseram a versão final da encenação, mas se tratam de detalhes já esperados devido ao curto tempo dedicado aos ensaios.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste presente trabalho foi possível concluir que por mais que se possa estipular como será realizada a atividade, há muitos empecilhos que surgem durante o trabalho e exigem que o diretor aprenda a solucionar os problemas com rapidez e agilidade para não prejudicar o andamento do ensaio. Como, por exemplo, a ausência ou atraso de alguém do elenco e o espaço extremamente limitador de uma sala inadequada. Dirigir também é uma prática que envolve improvisos, pois nunca se sabe com total precisão o que irá acontecer, como os atores irão desenvolver seus papéis e se aceitarão todas as propostas do diretor.

Para a diretora, o momento da adaptação do texto original foi muito mais direto e objetivo por ser uma tarefa individual e feita de maneira independente. Já o trabalho de montagem foi mais complicado por ser coletivo e envolver, também, o tempo que cada pessoa podia e desejava direcionar ao projeto; assim como contar com a paciência e a compreensão quando alguma mudança ou adaptação repentina precisava acontecer — como a falta de objetos no primeiro ensaio e/ou algum figurino que não era do tamanho ideal.

Apesar de todos empecilhos que surgiram, para uma primeira experiência de direção os desafios foram superados e culminaram na motivação de vivenciar essa atividade novamente em um próximo projeto. Pois, a função de dirigir carrega uma vasta gama de possibilidades na criação artística teatral e a liberdade de escolher diferentes maneiras de compor sua ideia na encenação. Enfim, a partir da experiência de adaptar e dirigir Hamlet para uma pantomima, a diretora estará mais preparada quando vivenciar novamente essa função. Afinal, o trabalho envolveu diversas facetas de uma criação artística em grupo e resultou em um processo muito rico tanto em prática quanto em pesquisa.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CUNHA, M. J. S. A arte na educação: a utilização da pantomima no desenvolvimento do aluno. **Revista de Estudios e Investigación en Psicología y Educación**, v. extr., n.4, p. 111 até p. 114, 2017.

DOS SANTOS, M. S. Shakespeare, o leitor. **Revista da Pós-Graduação em Letras – Uniandrade**, Scripta Uniandrade, v.14, n.1, p. 223 até p. 244, 2016.

CASTAMAN, A. e SPERBER, S. O que se sabe sobre a preparação do ator profissional elisabetano e jacobino para cada espetáculo? **Revista Pitágoras** 500, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, v.7, p. 85 até p. 103, 2014.